

A FICÇÃO DE PAULINA CHIZIANE: GÊNERO, SOCIEDADE E LINGUAGEM POÉTICA

Amara Cristina de Barros e Silva Botelho¹
Ilka Souza dos Santos²

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo a análise da ficção de Paulina Chiziane, primeira moçambicana a produzir romances. Nele se aborda a problemática de gênero em sua relação com a sociedade nos romances *Balada do amor ao vento* e *NIKETCHE: uma história de poligamia*. No que se refere a gênero, atrelado a crítica feminista seguem-se os pressupostos de Louro (2011), Branco (1989), Beauvoir (1980), Moreira Alves e Pitanguy (1998), e Butler (2003), autoras que agregam gênero à crítica feminista e às questões sociais. Salienta-se também ser a crítica realizada por Chiziane à situação de dependência e de submissão, em que vive o ser feminino no contexto sociocultural moçambicano, atenuada pela poeticidade da linguagem.

Palavras-chave: Gênero. Feminismo. Ficção de Chiziane.

ABSTRACT: This work aims to analyse the Paulina Chiziane's fiction, first Mozambican to produce novels. It is mentioned gender issues in their relationship with society in the novels *Balada do amor ao vento* and *Niketche: uma história de poligamia*. With regard to gender, linked to feminist critique there are the assumptions of Louro (2011), Branco (1989), Beauvoir (1980) Moreira Alves and Pitanguy (1998,) and Butler (2003), authors that add gender to feminist criticism and social issues. It should be noted also be criticism made by Chiziane to the situation of dependency and submission, where the female being live in the Mozambican socio-cultural context, mitigated by poetic language.

Keywords: Gender. Feminism. Chiziane's Fiction.

INTRODUÇÃO

Paulina Chiziane é considerada pela crítica a primeira romancista moçambicana cuja obra de ficção está intimamente ligada a duas temáticas: a posição da mulher na sociedade e a relação desta com a história e a vida no seio da família de características patriarcais, na qual a última palavra sempre será do ser

¹ Professora Doutora adjunta do curso de Licenciatura em Letras da Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte; vice-coordenadora do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS - UPE – Campus Mata Norte); Coordenadora do Centro de Estudos Linguísticos e Literários da UPE (CELLUPE).

² Graduada em Letras pela Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte e pesquisadora vinculada ao Centro de Estudos Linguísticos e Literários da UPE (CELLUPE).

masculino, para quem a poligamia é permitida, enquanto o ser feminino não tem sequer o direito a participar das discussões que dizem respeito ao seu próprio destino.

Contadora de histórias, como ela mesma se diz, Chiziane narra estórias que representam aspectos culturais da sociedade da qual participa, a partir de situações ficcionais que registram as experiências de suas personagens femininas mimetizando as condições da mulher moçambicana, em vários e diferentes momentos.

Chiziane nasceu em Gaza como falante do *Chope* e do *Ronga*, só posteriormente passa a dominar a Língua Portuguesa, com a qual vem a ser reconhecida como primeira mulher a publicar um romance em Moçambique.

O trabalho proposto objetiva a análise de dois romances de Paulina Chiziane, nos quais se evidencia a temática de gênero: *Balada do amor ao vento* e *Niketche: uma história de poligamia*. Neles, a autora realiza forte crítica à situação de dependência e submissão do gênero feminino, contudo esta é atenuada pela poeticidade da linguagem.

O apoio teórico sobre gênero e feminismo se realiza a partir dos pressupostos de Louro (2011), Branco (1989), Moreira Alves; Pitanguy (1998) e Butler (2003).

1. GÊNERO, FEMINISMO E SOCIEDADE: ASPECTOS TEÓRICOS.

Para se proceder ao artigo proposto sobre a ficção de Paulina Chiziane faz-se necessário discutir os conceitos básicos de gênero atrelados à crítica feminista e à relação que se estabelece entre esses aspectos e a sociedade. É indiscutível a conexão existente entre gênero, feminismo e sociedade.

No início do Movimento Feminista, a concepção de gênero centrava-se, principalmente nas diferenças existentes entre os sexos. Atualmente a concepção é muito mais ampla, pois abrange, além dos papéis sociais, as questões relacionadas à identidade como constituinte do ser feminino, focada na análise de igualdade em que homens e mulheres são detentores de capacidades e habilidades semelhantes. Apesar da diversidade, atualmente não há mais como se fixar essas questões numa concepção dicotômica, em que o ser feminino seja visto pela sociedade e conceba-

se a si mesmo como frágil, em oposição ao ser masculino que detém a força física e o poder, o que o torna cada vez mais consciente de sua capacidade de dominação.

Atualmente, consoante Louro (2011, p. 29): “[...] gênero constitui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber gênero *fazendo parte do sujeito*, constituindo-o”.

Já Moreira Alves e Pitanguy (2003, p.57) assumem posição similar ao afirmarem que o feminismo deve lutar por

Uma identidade própria, que supere as hierarquias do forte e do fraco, do ativo e do passivo. Identidade esta em que as diferenças entre os sexos sejam de complementaridade e não de dominação. Em que força e fraqueza, [...] não se coloquem como polos opostos definidores do masculino e do feminino, e sim como parte da totalidade dialética, contraditória, do ser humano.

Para Judith Butler, em *Problemas de Gênero: feminismo subversão da identidade*, a ideia de gênero, para que seja construída, deve ser, primeiro, desconstruída, pois

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado [...] tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos (BUTLER, 2003, p. 25).

Assim, percebe-se que a discussão atual sobre a relação do feminismo com os gêneros está longe de ser concluída, inclusive porque se trata de questões que evoluem de acordo com as mudanças sociais e históricas, razão pela qual a obra de Chiziane registra uma condição social de denúncia, numa perspectiva, se não de aceitação da condição das diferenças existentes entre os gêneros, pelo menos, de consciência de que a condição da mulher como ser submisso ainda persiste na construção das relações afetivas entre marido e mulher, quando da criação das protagonistas Sarnau e Rami, respectivamente dos romances *Balada do amor ao vento* e *Niketche: uma história de poligamia*.

2. A PROBLEMATICA DO FEMININO EM BALADA DO AMOR AO VENTO E NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA

Paulina Chiziane problematiza, através de suas personagens, a questão do feminino na cultura patriarcal de seu povo. Em seus romances, são as mulheres que detêm a significação das histórias, sendo as responsáveis por conduzirem as narrativas. Tal característica tem sua importância atrelada à urgência em dar voz e vez ao ser feminino, como bem enfatiza Duarte, no contexto da literatura africana:

A urgência de dar voz e vez à literatura africana, de presentear o leitor e com a elucidação das questões cruciais que permeiam o mundo africano, ao tempo em que apresenta o espetáculo artístico e humano dessas dicções, diz da situação da mulher africana historicamente ligada à transmissão de valores culturais como hospitalidade, respeito aos mais velhos rituais, usos e costumes (DUARTE, 2011, p. 79).

Restringindo o nosso foco a duas de suas obras, *Balada do amor ao vento*, publicada pela primeira vez em 1990, e *Niketche: uma história de poligamia*, publicada em 2002, nota-se a recorrência ao gênero feminino. No primeiro romance, tem-se a história de amor entre Sarnau e Mwando, que se inicia na juventude e perdura até a idade madura, tendo seu trajeto marcado por separações motivadas por questões culturais, as quais englobam casamento arranjado e lobolo. De início, Mwando pretendia ser padre, Sarnau foi lobolada pelo rei de sua tribo num sistema poligâmico e de submissão feminina, e quando seu amado desiste do sacerdócio, tem um casamento arranjado com outra mulher, por sua família, sob os dogmas do catolicismo, portanto, monogâmico. Encontram-se anos depois e enfrentam crendices e tradições para permanecerem juntos.

Niketche: uma história de poligamia, conta a história de Rami, mulher casada em sistema monogâmico, que descobre traição por parte do marido, o qual mantém outras quatro mulheres fora do casamento todas elas tendo germinado filhos de seu marido, todas elas refletindo diferentes contextos culturais acerca da posição feminina perante aos homens e a si. A protagonista passa por um processo de desconstrução do que é ser mulher - citando inclusive Beauvoir quando afirma já ter ouvido que “[...] *ninguém nasce mulher, torna-se mulher*. Onde terei eu ouvido esta frase?” (CHIZIANE, 2004, p.35) -, de como se reconhecer mulher e qual a sua função no casamento. Questiona-se sobre o sistema de monogamia em que

vive e acaba por juntar-se às mulheres enganadas por seu marido para “puni-lo” moralmente, passando, no entanto, a formar um casamento poligâmico oficialmente.

Em *Balada do amor ao vento*, há a revelação de um “eu feminino” a partir dos acontecimentos que se lhe sucedem, em um ambiente social, patriarcal e poligâmico, quando afirma

Dissiparam-me as dúvidas. Era mesmo daquele rapaz que os velhotes falavam ontem à noite e eu, curiosa, ouvi tudo. Se eles descobrirem que escutei, vão castigar-me à larga, pois em coisas de homens as mulheres não se podem meter (CHIZIANE, 2003, p. 13).

As palavras de Sarnau, protagonista e narradora de sua própria história demonstram o poder que o gênero masculino detém sobre o feminino, de tal modo que a personagem já antevê o castigo em decorrência da possível descoberta pelos homens de que tenha ouvido o que falaram, pois “em coisas de homem mulher não se pode meter”.

Este fato ratifica o ponto de vista de Beauvoir, em seu livro publicado na década de 1940, intitulado *O Segundo Sexo*, de que a mulher é treinada para ser mero apêndice do homem.

É notório no romance em pauta que o lobolo, isto é, pagamento que o pretendente realiza a família da jovem com quem intenta se casar, não passa de um atestado de posse do homem sobre a mulher, uma vez que o mesmo lhe dá direito total sobre a ela, pois a mantém sobre seu domínio, podendo, inclusive, exigir dela tudo que deseje, como a obrigatoriedade de lhe dar um filho homem sob a ameaça de ser substituída, vez que o contexto social lhe é favorável à aquisição de outra esposa que lhe possa satisfazer esse desejo.

Note-se que, em pleno século XX, questões dessa natureza ainda atormentam a mulher moçambicana, tendo em vista que a relação de poder entre os gêneros, ainda que já modificada, leva a mulher, em algumas culturas, a manter-se subserviente e submissa ao homem. Nos dois romances, as personagens femininas buscam saídas para as situações de submissão em que se colocam diante da dominação masculina. Contudo, Sarnau, personagem e narradora do primeiro romance de Chiziane, *Balada do amor ao vento*, busca identificar-se, pois afirma:

Não me reconheço. Jurei perante deuses e defuntos que nunca cometeria adultério. Mas que mal há nisso? Todas as mulheres do meu marido fazem o mesmo. [...]. Cometem adultério aquelas que têm marido, eu tenho apenas um símbolo. Não sou viúva, não tive nenhum aborto nem filho morto, não estou na minha fase da lua, não tenho no sexo nenhuma doença vergonhosa, o meu marido não é impotente e nem está ausente, vejo-o todos os dias, desejo-o todos os dias, mas ele vira-me as costas, tortura-me, consciência, ainda me acusa? Entreguei-me de corpo e alma a outro homem, eu amo-o, ele ama-me, amamo-nos, eu quero viver (CHIZIANE, 2003, p. 95).

No monólogo interior acima expresso, Sarnau confessa o dilema em que vive em decorrência de se considerar sem marido, porque este é apenas “um símbolo”, afinal, apesar de estar fisicamente presente, não a satisfaz, o que lhe atenua o sentimento de culpa por dedicar o seu sentimento amoroso a outro homem, Mwando.

Sendo a primeira esposa do rei Nguila, por não engravidar, é excluída, violentada pelo marido que, como membro de uma sociedade poligâmica, procura outra esposa e quando esta engravida passa a desprezar e até a agredir aquela que ainda não procriou, tal como se está explícito no fragmento que segue:

Minutos depois voltei à posição inicial. Enviou-me uma bofetada impiedosa que me fez saltar um dente. A minha rival assistia tudo, coroando-me com um sorriso de troça e de triunfo. Reparei bem nela. Tinha o peito cheio e o ventre muito delatado. Estava grávida, meu Deus, enquanto eu que sou a primeira ainda não senti lá dentro a lombriga da gravidez (CHIZIANE, 2003, p. 56).

Concomitante a esses exemplos, nota-se a visível binariedade presente na divisão dos papéis, os quais são definidos sob o aparato do sexo pré-determinado, homem e mulher, num contexto de dominação e de submissão, ideia esta que, segundo Butler (2003), deve ser desconstruída.

A gravidez para Sarnau passa a ser encarada como obrigação, pois sendo socialmente reconhecida como primeira esposa do rei, deveria ser mãe do futuro herdeiro do trono. Como ela ainda não sentia em seu ventre sinal de vida torna-se rejeitada pelo esposo, que não só a violenta como a humilha diante das outras esposas. De acordo com as palavras do marido: “A bofetada que te dei foi só uma

disciplina para aprenderes a não fazer ciúmes. Gosto muito de ti, Sarnau. És a minha primeira mulher” (CHIZIANE, 2003, p. 57), pode-se inferir que cabe ao marido dominar a mulher nem que seja pela força física, pois apesar de ele afirmar gostar da esposa, a coloca violentamente em seu lugar, isto é, lugar de inferioridade em relação a ele. Para que o marido a respeite, Sarnau precisa engravidar de um filho macho, o que lhe renderia desfrutar de regalias e atenções. No trecho a seguir, é percebe-se como o comportamento do cônjuge se modifica quando lhe descobre gravidez:

Não imaginam o paraíso em que vivi quando declarei a minha gravidez. Meu marido ornamentava-me de mil carícias, oferecendo-me mil sorrisos. Eu punha-me, cada dia, mais bonita com os vestidos que a rainha me oferecia. Enfeitava-me com missangas, correntes e brincos de ouro, e toda eu reluzia. Não havia no mundo mulher mais feliz do que eu (CHIZIANE, 2003, p. 58).

Dada à importância que Sarnau recebe ao engravidar, percebe-se que a mulher é valorizada como reprodutora, cujo objetivo de vida deve ser prezar pela felicidade do marido e se devotar aos filhos. Assim, é notório o preconceito internalizado no grupo social retratado por Paulina Chiziane em seu primeiro romance, fato que é comprovado pelas palavras de Louro (2011, p. 37): “Os estudos feministas estiveram sempre centralmente preocupados com as relações de poder. [...] Esses estudos procuraram demonstrar as formas de silenciamento, submetimento e opressão das mulheres”. Esse ponto de vista é defendido de modo ainda mais enfático por Simone de Beauvoir (1970, p. 81) quando afirma:

O mundo sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu. Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham em presença, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher.

A visão de Beauvoir no que respeita à condição de dominação do homem sobre a mulher, parece ser a mesma que Paulina Chiziane apresenta na maior parte de sua ficção, em especial em *Balada do amor ao vento* e *Niketche: uma história de poligamia*. Em *Niketche* apesar da aparente aceitação que a personagem Rami demonstra ao afirmar: “[...] Transmito às mulheres a cultura da resignação e do silêncio, tal como aprendi da minha mãe. E a minha mãe aprendeu de sua mãe. Foi sempre assim desde tempos sem memória [...]” (CHIZIANE, 2004, p. 255-256), fica claro ao leitor que esse é o modo como Chiziane denuncia o sofrimento das mulheres africanas e de certo modo subverte os valores tradicionais da cultura de seu grupo.

Como foi dito anteriormente, a aceitação de Rami à dominação masculina é aparente, pois a narradora de *Niketche: uma história de poligamia* rebela-se e revela-se contra esse poder do masculino sobre o feminino quando explicita seus pontos de vista sobre sua própria condição: “Cerramos as nossas bocas e as nossas almas. Por acaso temos direito à palavra? E por mais que a tivéssemos de que valeria? Voz de mulher serve para embalar as crianças [...] mulher deve ouvir, cumprir, obedecer” (CHIZIANE, 2004, p.154). Pierre Bordieu (SENKEVICS, 2013), em *A Dominação Masculina*, trata a “dominação masculina” de modo simbólica, a qual se atribuem “esquemas de pensamentos impensados”, o que seria a falsa sensação de liberdade de pensamento, quando, na verdade, as opiniões estão pautadas por preconceitos e opiniões alheias. Sua teoria não fala exclusivamente da questão de gênero, mas pode ser facilmente associada a partir da noção de dominação-submissão presente, inclusive, na narrativa cuja protagonista é Rami.

Pode-se claramente deduzir a ironia perpassada no discurso de Rami quando ela se questiona sobre o direito à palavra, pois tem consciência plena de que a quebra com o silenciamento de nada valeria, uma vez que na cosmovisão de seu grupo voz de mulher só serve para embalar crianças. Deste modo, infere-se que cabe ao gênero feminino exclusivamente ouvir, cumprir e obedecer. Veja-se, pois, que a ironia confirma a não aceitação dos papéis sociais que são atribuídos à mulher na família e na sociedade da qual Rami participa. Evidencia-se que o discurso irônico de Rami é revelador da não aceitação da condição que a mulher ocupa no imaginário daqueles que detêm o poder.

Observe-se que as críticas realizadas por Paulina Chiziane, em ambos os romances, resultam do fato das personagens principais serem também narradoras de suas próprias relações afetivas. Desse modo, o discurso narrativo autobiográfico corrobora para que o imaginário feminino se revele de modo a deixar evidente que ao falarem de si mesmas Sarnau e Rami rompem com o silêncio imposto não só a elas, mas a todas as mulheres que tiveram suas vozes silenciadas, por muitas eras. Daí Rami afirmar:

Sou um rio. Os rios contornam todos os obstáculos. Quero libertar a raiva de todos os oceanos de silêncio. Quero explodir com o vento e trazer de volta o fogo para o meu leito, hoje quero existir. [...] Hoje quero mudar o meu mundo... (CHIZIANE, 2004, p. 19).

Em *Balada do amor ao Vento*, a narradora apresenta-se, à semelhança de Rami, impotente diante da obrigatoriedade do silêncio da mulher que perdurou por muitas épocas, tal como explicita ao narrar os acontecimentos na semana de preparação para o casamento:

As minhas mães, tias, avós [...] e dizem que me preparam para o matrimônio. Falam do amor com os olhos embaciados, falam da vida com os corações dilacerados, falam do homem pelas chagas desferidas no corpo e na alma durante séculos, Sarnau, fecha a tua boca, esconde o teu sofrimento quando o homem dormir com a tua irmã mais nova mesmo na tua presença. Fecha os olhos e não chores porque o homem não foi feito para uma só mulher (CHIZIANE, 2003, p. 44).

Ainda confirmando as diferenças culturais existentes na visão de gênero do grupo a que pertence, Sarnau não deixa de salientar que na cerimônia de seu casamento, enquanto o "marido assinou o livro com uma caneta de ouro" (CHIZIANE, 2003, p. 44), ela apenas marcou o livro com o sinal do dedo. É dessa forma que Chiziane revela em no discurso narrativo o analfabetismo que era peculiar à mulher, uma vez que o marido, ao contrário de Sarnau era letrado, enquanto a personagem feminina tinha que afixar a digital, evidentemente por não ter tido acesso à escola. Esse fato salienta a diferença entre os gêneros.

Por outro lado, o discurso da romancista moçambicana, por ser centrado na primeira pessoa vem permeado de sensibilidade, consubstanciada por uma linguagem feminina cuja poeticidade denota a preocupação estética de sua

criadora, ao se revelar através da ficção como um rio capaz de suplantar todos os obstáculos, dado que deseja inclusive mudar o mundo que lhe pertence, pois ao se libertar da raiva expressa hiperbólica e metaforicamente como “oceanos de silêncio”, explode, se revela e se rebela, afinal quer existir devolvendo ao leito o prazer que, enquanto ser feminino, há tempos também lhe fora negado.

Já em *Balada do amor ao vento*, o discurso narrativo, realizado pela protagonista Sarnau, ainda que de forma menos direta e contundente, também denuncia a condição de dominação patriarcal, dado que explicita o papel que é imposto à mulher lobolada, pois

Não se compra uma mulher para trazer prejuízos à família, antes, pelo contrário, o lobolo é uma troca de rendimentos. Mulher lobolada tem a obrigação de trabalhar para o marido e os pais deste. Deve parir filhos, de preferência varões, para engrandecer o nome da família. Se o rendimento não alcança o desejável, nada há a fazer senão devolver a mulher à origem, recolher as vacas e recomeçar o negócio com outra família (CHIZIANE, 2003, p. 63).

Ao colocar o lobolo como uma relação comercial, o discurso narrativo demonstra que a narradora-personagem, assim como Rami, também se sente ultrajada, tendo em vista subjacentemente colocar-se como objeto, que ao ser devolvido pelo marido à família de origem, este exige dela a devolução das vacas com as quais comprara a mulher.

Nos romances de Chiziane, em que a protagonista também é narradora, o discurso apresenta-se rico em monólogos interiores, através dos quais o eu feminino se faz poético, ao utilizar uma linguagem emotiva, a qual será analisada no tópico que segue.

3. A LINGUAGEM POÉTICA COMO ATENUANTE DA CRÍTICA SOCIAL NA FICÇÃO DE PAULINA CHIZIANE

Vários são os trabalhos que tratam o gênero como temática central da produção de Paulina Chiziane, contudo o mesmo não acontece em relação à

análise de uma da linguagem poética, apesar da mesma constituir-se como um dos elementos principais do discurso ficcional da autora moçambicana.

Também é impossível esquecer-se a importância que a natureza tem na cultura africana, pois no imaginário desse povo, ela é a mãe, portanto produtora da vida, confundindo-se com os próprios deuses que a integram e, dela, também retiram o poder de que são detentores, característica que influencia na visão dessa sociedade com relação aos “papéis femininos” como mulher e esposa, em que a mulher procria (terra fértil) e ao mesmo tempo rememora a figura materna, como em *Niketche: uma história de poligamia*, “A primeira filosofia é: trata a mulher como a tua própria mãe” (CHIZIANE, 2004, p. 40). Daí a natureza ser concebida de modo mítico e místico, portanto como um elemento de cunho religioso e de sentido transcendental.

A poeticidade na linguagem de Chiziane resulta da utilização não só de artifícios linguísticos, mas do fato de que em alguns de seus romances, o relato é feito em primeira pessoa, o que demarca a emotividade peculiar a uma linguagem centrada na emissora. *Balada do amor ao vento* e *Niketche: uma história de poligamia* apresentam um tom confessional, um tom autobiográfico carregados de emoção e subjetividade, tornando a linguagem mais poética, o que atenua a crítica social que se realiza sobre a submissão e o sofrimento femininos.

Observe-se o fragmento de *Balada do amor ao vento*:

Pisei o chão frio da noite. A lua pintava de prata as paredes do céu, as copas das árvores, os cones das palhotas, as estrelas brincavam ao pisca-pisca com seus olhos amarelo-prateados, o meu marido está bêbado de morrer, vai torturar-me, este búfalo louco, por Deus! (CHIZIANE, 2003, p. 57).

Nota-se que a poeticidade é ressaltada pela linguagem metafórica, caracterizada, no dizer de Erza Pound (2007, p. 63), pela capacidade de “projetar o objeto na imaginação visual” e simultaneamente de “produzir correlações intelectuais ou emocionais que permanecem na consciência do receptor”. A descrição plástica da natureza é ressaltada pela linguagem cromática, pela personificação das estrelas que piscam os olhos, são artificios usados pela romancista para suavizar a imagem grotesca do marido bêbado, cuja aparência é

de búfalo torturador. Dessa forma, Chiziane consegue tornar a imagem masculina menos contundente e grosseira aos olhos dos receptores das narrativas que cria.

No mesmo romance, há momentos líricos de um eu poético feminino que fala de suas próprias experiências, enquanto, que, através da subjetividade, externa seus anseios. Esse fato pode ser observado no relato que Sarnau realiza da imagem de Mwando, jovem a quem ama desde a adolescência e com quem se reencontra anos após o casamento com Nguila:

Mwando é a coisa mais bela que Deus colocou no meu caminho. Só o seu olhar serenou as tempestades que me envolviam. O seu abraço destruiu o fogo de ansiedade que me consumia havia anos. A sua voz é doce, penetrante, o seu pescoço é verdura polida, as suas carícias envolvem-me como um manto suave, tão suave como a plumagem dos pintos recém-nascidos (CHIZIANE, 2003, p. 83).

A linguagem poética, usada na citação, atinge alto grau pelo uso das metáforas e sinestésias com que a personagem-narradora descreve sua relação com o amante, fazendo com que o adultério seja atenuado pelo lirismo que a envolve. Tal linguagem também configura um recurso estético, encontrado pela autora através da ficção, que expõe a subjetividade feminina, enfatizando sua percepção de mundo e sua adequação, ou não, ao meio cultural em que a personagem se insere enquanto mulher. Albernaz e Longhi (2009, 83-84) afirmam que “[...] Por meio do gênero classificamos muitas dimensões da vida em sociedade e da natureza. [...] Nesse sentido, gênero conforma nossa subjetividade”.

Em *Niketche: uma história de poligamia*, a linguagem poética nada deixa a desejar, pois a expressão de uma voz reveladora da sensibilidade feminina ecoa em vários momentos da narrativa, tal qual acontece em: “Compreendi então que na alma das mulheres só existe morte, murmúrios de folhas caindo, gorjeio de rios invisíveis percorrendo o subterrâneo, detritos flutuando à deriva em águas lodosas” (CHIZIANE, 2003, p. 158).

Ao buscar entender o fluir do tempo sobre o ser humano, Rami assim se expressa:

Na imagem dos velhos, marcas do ciclo vital transparecem como água. Descalços, magros e em andrajos. Peças de barro já quebradas. Na pele enrugada, mensagens secretas de uma

vida que floriu e o tempo consumiu. Vêm buscar tratamento, para segurar a vida que escapa da palma da mão (CHIZIANE, 2004, p. 59).

Rami descreve a velhice através da comparação e da metáfora. Para ela, a pele enrugada transmite “mensagens secretas de uma vida que floriu e o tempo consumiu”, expressão que traduz não só a passagem do tempo, como também prenuncia a morte, pois a “vida” se lhes “escapa da palma da mão” (CHIZIANE, 2004, p. 59).

Observe-se também a linguagem poética, quando Rami se refere à *Niketche*, dança tradicional de seu grupo étnico:

Niketche. A dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar. As raparigas aparecem de tangas e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao sabor do *Niketche* (CHIZIANE, 2004, p. 160).

A descrição da dança realiza-se de forma poética na medida em que é colocada como sendo de vários elementos da natureza, tal como o sol, a lua, o vento e a chuva. Nela, as jovens, com movimentos artísticos, saúdam a primavera, e com isso celebram a vida, metaforicamente colocada como um mistério.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ficção da escritora Paulina Chiziane se desenvolve a partir das vivências de personagens femininas em torno das quais giram os acontecimentos, o que as coloca na posição de protagonistas, quando não são responsáveis também pelo próprio relato da história, tal como ocorre em *Niketche: uma história de poligamia* e *Balada do amor ao vento*. Nos dois dos romances comentados, o discurso narrativo é realizado pelas protagonistas, Rami e Sarnau, as quais relatam suas experiências conjugais, revelando e rebelando-se contra a condição de submissão e silenciamento do ser feminino, que desempenha socialmente o papel de reprodutora, ao passo que cabe ao homem, uma vez que a lobolou, o direito de propriedade e, por esta razão, elas devem calar e obedecer a seus respectivos esposos.

O estudo foi dividido em dois momentos, no primeiro, a problemática de gênero foi observada a partir das perspectivas teóricas de Beauvoir (1980), Branco (1989) e Louro (2011), no segundo foram tecidas algumas considerações sobre a linguagem poética Chiziani, com base em Albernaz (2009) e Pound (2007) as quais suavizam as críticas contundentes às relações entre os gêneros, o que impõe ao texto um tom confessional, lírico e autobiográfico, mas sem excluir o fato de que as personagens rompem com as tradições de seus grupos étnicos, ao revelarem-se insatisfeitas com os papéis que lhes são socialmente atribuídos.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira; LONGHI, Márcia. **Para compreender gênero**: Uma ponte para relações igualitárias entre homens e mulheres. In SCOTT, Parry; LEWIS, Liana; QUADROS, Marion Teodósio de. **Gênero, Diversidade e Desigualdades na Educação**: Interpretações e Reflexões para Formação Docente. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. São Paulo: Difel, 1980.

CHIZIANE, Paulina. **Balada do amor ao vento**. 2ªed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

_____. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DUARTE, Zuleide. **Outras Áfricas**: elementos para uma literatura da África. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

SENKEVICS, Adriano. **O conceito de gênero por Pierre Bordieu**: a dominação masculina. Disponível em: << <http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/21049-o-conceito-de-genero-por-pierre-bourdieu-a-dominacao-masculina>>>. Acesso em: 07/15.

Recebido: 07.05.15 | Aprovado: 15.07.15